

Comboio
de Corda
ROMANCE

Florença, século XVI. Os poderosos Medici recebem um novo membro na família. Bianca, filha bastarda do grão-duque Cosimo I, é levada para morar com o pai após viver seus primeiros anos de forma simples com a mãe. No palácio paterno, apesar de toda a riqueza, a garota não se sente confortável com as regras rígidas, a distância do pai e a arrogância da madrasta. De maneira poética, Xosé A. Neira Cruz, com diversas referências históricas, recria a atmosfera da Florença renascentista e compõe o retrato da família Medici, com suas ambições e intrigas na busca do poder.

O tom solene e crítico do cronista, o discurso agudo, refinado e lírico de Bianca, os diálogos populares, os poemas de época constroem uma obra de inúmeras nuances e leitura essencial para quem acredita que o sentido de existir está em atar a ponta da morte à ponta da vida.

Nilma Lacerda

O arminho dorme

Xosé A. Neira Cruz



O arminho dorme

Xosé A. Neira Cruz

Tradução Nilma Lacerda

sm



sm

sm

O arminho dorme

Título original *El armiño duerme*

© Xosé A. Neira Cruz

Ediciones SM, 2003

Coordenação editorial Máisa Kawata

Preparação Norma Marinheiro

Revisão Márcia Menin e Carla Mello Moreira

Edição de arte Leonardo Carvalho

Capa Leonardo Carvalho sobre

ilustração de Renato Alarcão

Editoração eletrônica Paulo Minuzzo

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neira Cruz, Xosé A., 1968-

O arminho dorme / Xosé A. Neira Cruz ; tradução

Nilma Lacerda. -- 2. ed. -- São Paulo : Edições SM,
2017.

Título original: El armiño duerme.

ISBN 978-85-418-1746-2

1. Ficção 2. Ficção - Literatura infantojuvenil

I. Título.

17-02448

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa*

1ª edição brasileira junho de 2009

2ª edição 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

O arminho dorme

Xosé A. Neira Cruz
tradução Nilma Lacerda



Para María Victoria Moreno, arminho.

... aquele, mais branco que neve.

Rosalía de Castro

Em 1857, quando decidiram abrir as tumbas dos Medici para verificar o estado dos sepulcros da Capela dos Príncipes, uma espécie de temor supersticioso se apoderou dos florentinos. Para alguns, o respeito que merecia a memória dos antigos senhores da Toscana, responsáveis pela conversão de Florença na capital da arte e da cultura e donos de um poder que morreria com eles, obrigava-os a não tocar nuns despojos que dormiam em paz (a paz dos justos? não se sabia) depois de tantos séculos de grandeza e tragédia. Para outros, era justamente o desejo de manter enterrado aquele passado de domínio e despotismo que os levava a insistir na necessidade de manter fechados, e bem fechados, os sepulcros dos Medici, no temor dos fantasmas que podiam se levantar dos túmulos, uma vez abertos.

Aquela família de banqueiros, rica como nenhuma outra, alcançou os píncaros do poder, converteu-se à nobreza pela mistura de seu sangue com o das casas reais de meia Europa, até ser extinta em 1743 pelas artes insondáveis do destino, sem deixar descendentes.

Os temores de ambos os lados juntaram-se ao boato de uma história resgatada do esquecimento por não se sabia quem e na qual, de repente, todos acreditaram, por havê-la escutado entre as histórias da infância. Segundo essa lenda, convertida agora em ladainha agourenta, a estirpe dos Medici fora vítima de um mal que se transmitia pelas relações sexuais, pelo sangue, pela saliva, pela própria respiração, e que condenava os infectados primeiro à esterilidade, depois à debilidade generalizada; a loucura definitiva vinha com o passar dos anos e o avanço da lepra invisível. Sem dar atenção ao falatório do povo, as

crônicas médicas da época, assinadas pelo próprio Strappaccani — considerado exemplo de médico e espécie de encarnação dos princípios hipocráticos —, testemunhavam a existência de alguma desordem somática nos príncipes e seus descendentes, o que condenava a família ducal à desapareição irremediável. Bastava a confirmação que esses documentos empoeirados pareciam trazer aos comentários para que até os cientistas mais conceituados balançassem a cabeça com um gesto entre incrédulo e preocupado. E o silêncio fazia o resto... Embora parecesse improvável que o dito mal, se de fato existiu, pudesse ter sobrevivido debaixo da frieza dos mármoreos lacrados havia mais de cem anos, o destampar daqueles frascos de putrefação foi considerado por muitos um ato de grande temeridade, passível de espalhar pela cidade os miasmas do misterioso flagelo que reduzira a cinzas a mais poderosa das dinastias italianas.

Além disso, quem não ouvira falar das maldições que espreitam os profanadores de sepulturas? Acaso haveria alguém destemido o bastante para ser capaz de bater com martelo e ponteiro nas sinistras lápides sem medo de ser atingido por algum dos sortilégios tecidos por aquela família de bruxas e envenenadores? Uma coisa era decidir, lá dos palácios do governo, pela abertura dos velhos túmulos, sem necessidade de expor-se pessoalmente ao que pudesse acontecer; outra, bem distinta, era ser um pobre-diabo, um operário ou capataz, que junto à cova se visse obrigado a inalar os nocivos vapores dos ossos apodrecidos dos Medici.

O arcebispo de Florença, o bem-amado monsenhor Gaetano d'Amaro — que já então desfrutava a fama de santo, necessária para chegar ao papado e daí aos altares, lugar que acabou ocupando, mesmo sem ter passado pelo trono de São Pedro —, escreveu então uma pastoral, divulgada por todos os seus párocos no domingo de Páscoa. Nela, o prelado enfatizava os benefícios das operações de saneamento das velhas tumbas ducais, toma-

das de umidade, mal que, se não fosse contido a tempo, poderia em poucos anos fazer ruir o subsolo, arrastando consigo toda a estrutura da cripta dos antigos senhores. O próprio prelado, vestido com os paramentos litúrgicos e acompanhado de grande séquito eclesiástico e civil, não deixou de visitar, túmulo por túmulo, todo o conjunto do mausoléu de São Lourenço. Finalizada a cerimônia da bênção episcopal com o venerado crucifixo de São Miniato, reiterou publicamente às portas do templo, diante de centenas de congregados curiosos, que não havia mal algum nas obras projetadas, que seriam celebradas do além pelos próprios defuntos por contribuir para a manutenção da mais requintada das joias arquitetônicas de seu patrimônio.

Ainda assim, dias depois, quando era iminente o começo das obras, foi preciso dobrar o pagamento para conseguir o número suficiente de operários que, em turnos, dessem início à exploração de todo o interior do imponente edifício da Via San Lorenzo. Então, pela primeira vez desde a fundação do recinto sagrado, os túmulos ali encerrados foram contados, numerados e catalogados.

O processo começou pelos sepulcros de maior importância e imponência — entre os quais se destacavam os magníficos mausoléus da Sacristia Nova, concebidos por Michelangelo Buonarroti para receber os restos do duque Lorenzo de Urbino e os de seu tio Giuliano, duque de Nemours — e terminou pelas lápides anônimas, quase rentes ao chão, nas quais repousavam os corpos de pequenos príncipes e princesas, que nasceram sem vida, sem sequer chegar a receber um nome e a água do batismo.

Finalizado o processo de identificação externa, chegou o tão temido momento da abertura da primeira tumba. Para isso, o mestre Francesco Minghetti, arquiteto e promotor do discutido projeto, escolhera com tino certo a tumba de Lucrezia Tornabuoni, mãe de Lorenzo, o Magnífico. Aquela mulher, a quem o tempo conferira uma respeitabilidade compartilhada apenas por mais três ou quatro membros de sua dilatada prole, fora alçada por muitos historia-

dores e nobres florentinos à condição de mãe da pátria, talvez por ter trazido ao mundo o único Medici verdadeiramente tocado pela arte e pelo talento, artífice da glória de Florença, modelo de príncipe, como o próprio Niccolò Machiavelli divulgara em seu tempo. Na verdade, ao escolher essa tumba, o arquiteto levou em conta, mais que a hipotética respeitabilidade da morta, o fato de tratar-se de um dos sepulcros mais antigos, o que levava a crer que em seu interior não viesse a ser encontrado nada capaz de provocar medo ou suspeita que pudesse dar razão aos supersticiosos. Com efeito, debaixo da campa da celebrada Lucrezia restavam apenas alguns indícios do corpo daquela que morrera em 1482, quando Florença começava a brilhar com luz própria entre as cidades da Europa. Algumas moedas gravadas com a efigie de seu filho Lorenzo numa face e as armas dos Medici na outra, além das contas de um colar de delicada filigrana, destroçado talvez pelos roedores, foram os únicos restos de valor recuperados do fundo daquela tumba tão vulgar, como a de qualquer outro morto sem tanta importância.

De tão normal que era, o achado desiludiu os curiosos que, postados a vários passos daquela boca sinistra, aguardavam o surgimento de seres fabulosos, como hidras e basiliscos. E, tão rápido como vão as notícias de boca em boca, logo correu entre os presentes na cripta, na capela, nas imediações do edifício e, finalmente, em toda a cidade que nada havia a temer da abertura das covas dos Medici.

A tirania e a submissão de outrora, assim como as ameaças do além, estavam reduzidas a um monte de cinzas absolutamente inofensivas.

Meia dúzia de tumbas depois, e quase ninguém prestava atenção aos sepulcros de personagens absolutamente obscuros e secundários, dos quais apenas um ou outro dado da biografia era lembrado. Isso acabou por aplacar os ânimos dos últimos intrigantes, de forma que, chegado o momento de abrir as tumbas dos Medici mais relevantes, quase ninguém prestou atenção ao seu conteúdo.

Em oposição ao desinteresse generalizado, crescia a atenção dos poucos privilegiados capazes de apreciar os sinais da história que cintilavam debaixo das lajes recém-levantadas.

Na tumba de Giuliano, o pranteado irmão menor de Lorenzo, o Magnífico, e também filho de Lucrezia Tornabuoni e de Piero, o Gotoso, os pesquisadores encontraram um magnífico elmo de bronze, logo atribuído à escola de Verrocchio. Exibia a efígie de um dragão com a goela escancarada e conservava ainda o penacho de plumas, murchas e sem cor, é verdade, mas cheias de garbo, apesar do tempo encerradas no sepulcro. Acompanhavam assim o próprio Giuliano de Medici, enaltecido em vida como o rapaz mais atraente de Florença. As mulheres suspiravam por ele, mas seu coração de jovem só batia por Simonetta Cattaneo, a doce esposa de Marco Vespucci, gentil amigo dos prósperos senhores florentinos.

Foram encontrados no sepulcro os sinais do trágico final de Giuliano, assassinado a mando dos Pazzi durante um Te Deum¹ que presidia com o irmão na catedral de Florença. Semanas depois da exumação, os peritos comprovaram que havia quatro mãos, em vez de duas, enterradas naquela tumba. Atestaram que, além das mãos do morto, havia duas outras guardadas em um cofre de chumbo ordinário, junto de uma adaga com o escudo da família dos assassinos. Assim, as mãos que assassinaram o jovem acompanharam-no à sua última morada.

Trouxe surpresas também a abertura do sepulcro de Clarice Orsini, mulher de Lorenzo, o Magnífico, e mãe de seus oito filhos, embora o verdadeiro amor do grande senhor fosse Lucrezia Donati, “il mio regno”², como era chamada por Lorenzo em seus sonetos. Logo que a tumba foi aberta, a luz das tochas fez brilhar uma autêntica cascata de joias, emaranhadas entre os restos de um esqueleto que

1. Hino litúrgico católico de ação de graças atribuído a santo Ambrósio e a santo Agostinho que se inicia com as palavras “*Te Deum laudamus*” (A Vós, ó Deus, louvamos). (N. da T.)

2. A tradução respeitou a escolha do autor em deixar alguns termos em italiano. Neste caso, “*il mio regno*” é “o meu reino”. (N. da T.)

tão somente pelo valor e beleza daquele tesouro podia continuar testemunhando, centenas de anos depois de sua morte, a presença naquela cova de uma verdadeira Orsini, filha da mais nobre das famílias romanas. No entanto, se alguém ainda duvidava disso, estavam ali para prová-lo o urso e a roseira com espinhos — brasão da família —, representados no reverso de dúzias de medalhões enfiados num cinto de grande valor, nos quais, além do perfil aquilino da mulher do Magnífico, campeava o lema que a identificara em vida: “Vultui suavis, aspera manui”. Doce no aspecto, áspera ao tato.

“Vejam o tesouro da orgulhosa Clarice, nunca amada, e afinal sempre senhora”, parecia dizer, quatro séculos depois de sua morte, aquela carcaça óssea, saturada de ouro e finíssimas pérolas.

A qualidade dos bens encontrados e o interesse que despertou estimularam a cobiça dos ladrões de tumbas, que puseram de lado qualquer vestígio de medo ou cuidado. E embora todos ansiassem por chegar ao sepulcro de Lorenzo, o mais celebrado de todos os Medici, foi preciso abrir antes as covas de suas filhas Maddalena, Luisa e Contessina, de sua neta Clarice e de suas irmãs Bianca e Nannina. Nenhuma daquelas damas havia previsto para seu enterro pompa semelhante à da ilustre Orsini, tampouco ninguém preparara para elas uma demonstração à altura da importância que tiveram. Em meio aos restos dos corpos e dos retalhos de roupa vieram à luz testemunhos sem valor material, mas carregados de emoção.

Os rolos de pergaminho atados com fitas apodrecidas encontrados aos pés do esqueleto de Contessina impressionaram vivamente os presentes. Segundo relatavam as crônicas, ela era a mais formosa das filhas do Magnífico, e prova disso eram os versos de gosto petrarquista que a mão de um anônimo admirador depositara — às escondidas do esposo da falecida, com toda a certeza — na morada final daquela mulher que baixara à tumba com 37 anos completos, idade considerável para uma mulher da época. Também comoveu as pessoas ver as tranças ruivas de

Bianca, a primeira das irmãs de Lorenzo a morrer, ainda enroladas, enfeitando o crânio sem carne e sem pele.

Uma profunda ternura veio logo substituir a admiração despertada pelo raminho de amores-perfeitos, secos e intactos, que as falanges da mão esquerda de Luisa, filha do Magnífico e de Clarice, vítima da difteria com apenas 11 anos, ainda seguravam. Dava a impressão de que se alguém aproximasse o nariz daquele bocado de beleza congelada seria possível respirar a fragrância de umas flores recolhidas no jardim dos Medici quatro séculos antes.

Finalmente, chegou o momento de levantar a laje que cobria o túmulo do grande Lorenzo. Para muitos, era o prelúdio de um encontro cara a cara com a magnificência de um homem e de uma época em que Florença era o centro do mundo, lugar que jamais voltou a ocupar. Como costuma acontecer às esperas mais demoradas e às expectativas acumuladas na mente das pessoas, a abertura da tumba de Lorenzo de Medici foi uma decepção. Nada restava dos olhos inteligentes e da cara de fauno daquele príncipe de físico grotesco e coração de poeta, de quem se conservava uma máscara fúnebre com o testemunho dos traços pouco agradáveis, tal como mostravam os retratos feitos por Ghirlandaio. Somente as magníficas peles que arrematavam uma rica vestimenta de veludo, um gibão, provavelmente, assinalavam a alta posição do enterrado. No entanto, uma análise pormenorizada das paredes da tumba — lamentavelmente uma das mais afetadas pelas infiltrações que tomaram boa parte da cripta — deixou a descoberto outro tipo de ostentação mais de acordo com os gostos e refinamentos de Lorenzo. Pintados por mão que parecia gêmea daquela outra que deixara sua arte na Adoração dos Reis Magos da capela do Palácio de Via Larga, a campina, as oliveiras e os ciprestes de Cafaggiolo — a vila por excelência dos Medici, o verdadeiro lar de Lorenzo — acompanharam o grande senhor também debaixo da terra, quando seus olhos já não podiam ver as paisagens mais suaves e formosas do mundo.

De todos os sarcófagos abertos em seguida ao do Magnífico, foi o de Bianca Cappello o que despertou maior atenção. A repulsa popular, que ainda se mantinha forte em relação à infeliz veneziana pela qual Francesco I enlouqueceu de amor a ponto de convertê-la em sua segunda esposa, juntava-se ao medo reinante da mão negra e justiceira, que podia vir do mundo dos mortos. Não era para menos. Se alguém tinha motivo para jurar ódio eterno a Florença e à sua gente, para bem além da fronteira da morte, era a louca e afoguada Cappello, a quem os sucessores de seu marido haviam negado sepultura em solo cristão.

Décadas depois de sua morte, quando a dinastia dos Medici dava sinais do mal que a faria desaparecer, o grão-duque Cosimo III, ao voltar de uma peregrinação a Santiago de Compostela, na qual se reforçou sua vocação inata para manifestar publicamente a fé e piedade católicas, mandou localizar os restos da infortunada esposa de seu antepassado. Em seguida, uma procissão solene e macabra conduziu-os ao descanso definitivo, sob uma lápide de mármore negro situada próximo ao túmulo do duque Francesco. Com aquele desagravo público, Cosimo buscava mudar a sorte da dinastia, já em claro declínio. Era o que corria de boca em boca, mas a veneziana não deve ter sido ressarcida o suficiente, pois dali em diante os males que afligiam os Medici não fizeram mais do que se intensificar.

Os piores presságios eram assim evocados com a abertura da tumba de Bianca Cappello. A descoberta de um sepulcro vazio e absolutamente limpo deixou todo mundo confuso. Nenhum cadáver havia estado naquela cova. Tudo não passara então de mais uma das hipócritas encenações de Cosimo III?

— Raça de cães danados — murmurou um dos operários, que pensava ter visto um clarão prateado no fundo da falsa sepultura, mas encontrou uma insígnia que trazia pendurada, junto às bolas e aos lírios do brasão dos Medici, a mão fechada, com os dedos polegar e mínimo abrindo-se como os chifres do

diabo. Ali estava o ultraje final a Bianca Cappello: o amuleto contra as feiticeiras enterrado em lugar de seu corpo, no túmulo a ele destinado.

Certos de estarem a enlamear-se nas misérias de uma família que chegara ao fundo do poço, depois de ter alcançado o auge da glória, os trabalhadores prosseguiram em seu trabalho de retirar lápides e abrir sepulcros. A operação repetitiva tornara a busca monótona, de forma que eram cada vez menos os que vinham inspecionar as obras, em geral confiadas a capatazes que se empenhavam o mínimo necessário. Era preciso sanear as tumbas? Era isso que se fazia. Realizava-se o essencial para estancar as infiltrações, construíam-se os canais de drenagem, examinava-se rapidamente o estado geral de cada sepulcro, anotavam-se suas características, recolhiam-se os restos ósseos em sacos, deixados num canto da cova, e, se houvesse sorte, recuperavam-se peças de ourivesaria que, em boa medida, foram parar em coleções privadas e mãos espúrias.

Nos meses que durou a recuperação das tumbas dos Medici, intensificou-se como nunca o tráfico de anéis ducaís, fivelas, passadores de ouro, brincos retratados nos quadros dos Uffizi junto às orelhas de suas donas, jazendo agora ao lado de damas sem quaisquer orelhas, toucados e diademas que coroavam caveiras espantosas.

Restavam apenas por registrar as tumbas correspondentes à família do grão-duque Cosimo I. Aquela ala do campo-santo dos Medici, situada em uma das zonas mais escuras e sombrias da cripta, não parecia pressagiar nada de novo.

No entanto, os poucos operários que ainda se mantinham no trabalho — tão poucos que podiam ser contados nos dedos — não sabiam do prodígio que estava ali à espera deles.

Primeiro, abriu-se o sepulcro do grão-duque Cosimo, e quase ao mesmo tempo o de sua primeira esposa, Leonor, a importante napolitana da Espanha que convertera os Medici em parentes — embora distantes — da monarquia espanhola. O fato de serem

encontrados dentro das sepulturas dois corpos relativamente inteiros, nos quais se adivinhavam os traços dos rostos — barbado, o dele; grave e majestoso, o dela —, fez pensar que aquele lugar da cripta devia ser o mais bem saneado, fresco e protegido de todo o conjunto, como de fato o era.

Os trabalhadores não puderam deixar de admirar a armadura com que Cosimo I, um dos grão-duques mais hábeis no campo de batalha, dos que mais vitórias colheram em prol da Toscana, se fizera enterrar. Ao lado dele, a altiva espanhola, que baixara à cova doze anos antes do esposo, ostentava o faustoso traje com que se casara e que vestira para ser retratada por Bronzino. Era o conhecido vestido das laranjeiras — cetim, veludo e pedraria sem fim —, com que a grã-duquesa, com trejeitos de rainha, fora ao encontro dos vermes.

Ao redor do majestoso casal, repousavam também cinco filhos deles, mortos — como alguns outros — na infância ou no início da juventude.

Os operários trabalharam com cuidado na abertura de cada um dos pequenos túmulos.

Como acontecera no caso dos pais, os corpos dos pequenos príncipes mantinham a posição em que foram enterrados, a disposição das mortalhas e até a forma do rosto. Aquelas crianças convertidas em múmias na mais tenra idade, desfiguradas pelos tons cinzentos da morte, enchiam a alma de uma tristeza que cortava o coração.

Trabalho difícil, revolver caixões.

Só faltava uma sepultura por abrir, e ninguém ali podia suspeitar de que a visão que os esperava, por mais que fosse breve como um suspiro, ficaria gravada para sempre no fundo de sua mente.

Debaixo da laje de mármore, repousava intacto e aparentemente fresco o corpo de uma mocinha que parecia adormecida. Os cachos do cabelo louro, recolhidos numa onda ao redor do rosto de marfim, as feições suaves e perfeitamente desenhadas,